(RE)CORTES SOBRE COMPORTAMENTOS DE AUTOLESÕES NAS ADOLESCÊNCIAS: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS

CUTS ABOUT SELF-HARM BEHAVIORS IN ADOLESCENCE: PREVALENCE AND ASSOCIATED FACTORS

(RE)CORTES SOBRE COMORTAMIENTOS DE AUTOLESIÓN EN LA ADOLESCENCIA: PREVALENCIA Y FACTORES ASOCIADOS

Michelle Luiza de Rosso[1]
Elis Maria Teixeira Palma Priotto[2]

RESUMO
A autolesão é definida como uma forma deliberada de violência autoprovocada. O estudo trata de uma revisão bibliográfica e objetivou analisar a relação entre autolesão e adolescência, e os fatores que podem influenciar o surgimento desses comportamentos. A pesquisa foi conduzida na base de dados LILACS, abrangendo o período de 2018 a 2023, onde foram selecionados 17 artigos. Os resultados destacam que a autolesão na adolescência está associada a diversos fatores, incluindo a gestão de sentimentos negativos, conflitos familiares, sociais e interpessoais. Isso enfatiza a necessidade de pesquisas para discutir e implementar estratégias que possam reduzir e prevenir esses comportamentos.
PALAVRAS-CHAVE: automutilação; vulnerabilidade; prevenção; saúde mental.

ABSTRACT
Self-harm is defined as a deliberate form of self-inflicted violence. The study is a bibliographic review aimed at analyzing the relationship between self-harm and adolescence and the factors that may influence the emergence of these behaviors. The research was conducted in the LILACS database, covering the period from 2018 to 2023, where 17 articles were selected. The results highlight that self-harm in adolescence is associated with various factors, including the management of negative feelings, family, social, and interpersonal conflicts. This emphasizes the need for research to discuss and implement strategies that can reduce and prevent these behaviors.
KEYWORDS: self-mutilation; vulnerability; prevention; mental health.

RESUMEN
La autolesión se define como una forma deliberada de violencia autoprovocada. El estudio consiste en una revisión bibliográfica y tuvo como objetivo analizar la relación entre la autolesión y la adolescencia, así como los factores que pueden influir en la aparición de estos comportamientos. La investigación se llevó a cabo en la base de datos LILACS, abarcando el período de 2018 a 2023, donde se seleccionaron 17 artículos. Los resultados destacan que la autolesión en la adolescencia está asociada a diversos factores, incluyendo la gestión de sentimientos negativos, los conflictos familiares, sociales e interpersonales. Esto enfatiza la necesidad de investigaciones para discutir e implementar estrategias que puedan reducir y prevenir estos comportamientos.
PALABRAS CLAVE: autolesión; vulnerabilidad; prevención; salud mental.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A autolesão é um comportamento de preocupação e alerta mundial, caracterizada como uma forma de violência autoprovocada, que pode ocorrer com ou sem intenção suicida

[1] Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Brasil. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-9765-8207.
[2] Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1949-2183.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

(Pinheiro; Warmling; Coelho, 2021). Embora possa manifestar-se em várias fases do ciclo vital, esses comportamentos apresentam índices de prevalência durante a fase que corresponde a adolescência, iniciando, geralmente, entre 11 e 13 anos de idade, ainda que essa faixa etária possa variar de acordo com características individuais (Azevedo *et al*., 2019). Estimativas atuais apontam que entre 13% e 45% dos adolescentes já vivenciaram comportamentos autolesivos em alguma fase de suas vidas (Liu *et al*., 2019).

Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1977), a adolescência é um período que corresponde a faixa etária dos 10 aos 19 anos. No ano de 2021, estima-se que cerca de 70,4 milhões de crianças e adolescentes residiam no Brasil, abrangendo as idades de 0 a 19 anos (Fundação Abrinq, 2022). Mais especificamente, no ano de 2019, o Brasil registrou um total de 124.709 casos de autolesão, o que representou um aumento de 39,8% em relação ao ano anterior (Brasil, 2021).

Para Lesourd (2004), a adolescência é diretamente influenciada pelo contexto histórico e pelas tendências culturais dominantes. O autor ressalta que adolescentes manifestam facetas do funcionamento social que denunciam algo pertinente ao tempo e à cultura em que estão inseridos. Nesse sentido, é essencial que se apreenda essa etapa não somente como uma fase da vida, mas como uma construção sociocultural.

Os termos adolescente e adolescer são empregados para caracterizar a adolescência, um período de rápidas transformações no desenvolvimento humano. Esse tempo da vida é marcado por alterações significativas, como o aumento na estatura e no peso corporal, o surgimento de novas características físicas e estéticas e mudanças significativas no funcionamento do organismo, especialmente no contexto sexual e reprodutivo. Paralelamente, há o estabelecimento de novas conexões interpessoais, a manifestação de emoções distintas, a adoção de padrões de pensamentos e comportamentos singulares. Essas mudanças refletem a construção de novas identidades e a integração da pessoa tanto no seu mundo interno, quanto na sua interação com o ambiente externo e o âmbito familiar (Priotto; Boneti, 2009).

O processo de adolescer representa um período de intensa atividade psíquica, denominado por Lesourd (2004) "operação adolescente". Na qual adolescentes buscam se inserir no campo do outro por meio da introdução de novos significantes. A adolescência, pensada como operação, é vista como uma transição entre o discurso infantil e os discursos sociais. Essa passagem implica uma reorganização da estrutura psíquica e da relação do sujeito com o mundo (p. 14).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

Essa etapa do desenvolvimento é comumente reconhecida por sua instabilidade e por seus conflitos, representando um período desafiador para muitos adolescentes no ambiente familiar, educacional, profissional e na integração social. Esse estágio também se configura como uma fase de maior vulnerabilidade, expondo-os a várias formas de violências (Priotto; Nihei, 2016). Nesse contexto, de transformações próprias, as motivações subjacentes aos comportamentos autolesivos podem encontrar suas raízes nos desafios associados a essa etapa da vida (Pinheiro; Warmling; Coelho, 2021).

Pesquisas dedicadas às autolesões descrevem um fenômeno complexo, caracterizado por uma diversidade de terminologias, definições, incidências, possíveis origens e fatores determinantes. A autolesão implica a participação ativa do sujeito na provocação de danos ao próprio corpo; o ato de causar ferimentos é considerado o cerne da experiência, destacando-se como um ato intencional, não como uma consequência secundária de uma ação arriscada ou uma dor necessária para fins de elevação espiritual ou estéticas (Moreira *et al*., 2020).

Esses comportamentos englobam uma ampla variedade de ações, diferindo em termos de gravidade e métodos, que vão desde cortes e queimaduras até mordidas, beliscões, fricção de objetos na pele e outros atos deliberados com a finalidade de causar ferimentos (Gratz, 2001).

Ao analisar as características dos comportamentos de autolesões em adolescentes, Fonseca *et al*., (2018) destacam uma diversidade de formas que variam em intensidade. Essas podem se manifestar de maneira leve (morder a si mesmo na boca ou lábios e fazer vários arranhões intencionais na pele), moderadas (bater ou fazer tatuagens em si mesmo, arrancar os cabelos e inserir objetos sob as unhas ou na pele) e graves (cortar-se, cutucar ferimentos, queimar a pele com cigarros, fósforos ou outros objetos quentes, beliscar ou cutucar áreas do corpo até sangrar e esfolar a pele intencionalmente).

Na trama de mudanças próprias a adolescência, alguns fatores de risco que podem estar relacionados a comportamentos de autolesões envolvem conflitos familiares, eventos negativos ao longo da vida, (abuso sexual, físico e psicológico, violência estrutural, *bullying*, *cyberbullying*), fatores sociais, características pessoais do sujeito, influência de fatores psiquiátricos (Tardivo *et al.*, 2019), gênero e sexualidade, tendo maior prevalência em mulheres cisgênero e população LGBTQIAPN+, principalmente pessoas transexuais (Batejan; Jarvi; Swenson, 2015).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

Guerreiro (2014), aponta que, compreender comportamentos de autolesões e/ou suicídio é uma tarefa complexa, pois "[...] se trata de um fenômeno multifacetado, que ultrapassa a nosologia psiquiátrica necessitando, para a sua compreensão, um enquadramento psicológico, sociológico, antropológico e filosófico" (p. 47). E considera como fatores de risco "[...] circunstâncias, condições, acontecimentos de vida, doenças ou traços de personalidade que podem aumentar a probabilidade de alguém realizar comportamentos autolesivos ou de consumar o suicídio" (p. 48).

Para compreender esses comportamentos e fatores de risco associados de forma mais ampla, é necessário realizar uma análise dos desafios que impactam a adolescência, considerando-a em sua integralidade. Nesse sentido, as autolesões ocorrem associadas aos conflitos experimentados pelos adolescentes, relacionados à experiência de existir em uma sociedade que tem suas estruturas enfraquecidas (Tardivo *et al*., 2019), moldada por um contexto social e cultural, permeado pelas complexas dinâmicas e cobranças do discurso capitalista (Jucá; Vorcaro, 2018).

Essa compreensão abrangente é essencial para desenvolver abordagens interventivas e preventivas mais eficazes, visando a elaboração de estratégias que possam auxiliar adolescentes (e sua rede de apoio) a enfrentarem esses desafios de forma mais saudável e construtiva (Moreira *et al*., 2020). Nessa perspectiva, essa revisão bibliográfica teve como objetivo analisar, na literatura científica, a relação entre autolesões, adolescência e os fatores que podem influenciar o surgimento desses comportamentos, contextualizando essa etapa do desenvolvimento sob uma perspectiva psicossocial e analisando os fatores de risco que aumentam a suscetibilidade desses sujeitos a comportamentos autolesivos.

MÉTODO

Essa pesquisa é um recorte de uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEn), concluída, que envolveu uma análise sobre autolesões em adolescentes. O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, com objetivo descritivo e exploratório, voltado à compreensão desse fenômeno no contexto da adolescência.

A revisão bibliográfica consiste em uma análise crítica da literatura científica já produzida sobre determinado tema, e tem por finalidade identificar, compreender e discutir os

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

conhecimentos acumulados na área. Essa abordagem possui dois propósitos fundamentais, conforme destacado por Alves-Mazzotti (2002): estabelecer um contexto para o problema em estudo e analisar as perspectivas oferecidas na literatura consultada, a fim de subsidiar a formulação do referencial teórico da pesquisa.

Partindo dessa compreensão, o presente artigo opta por realizar uma revisão bibliográfica, compreendida não como sinônimo de pesquisa bibliográfica, mas como uma de suas etapas essenciais. Conforme aponta Garcia (2016, p. 292), a revisão bibliográfica constitui o "estado da arte sobre o tema investigado e é indispensável em qualquer delineamento metodológico, pois permite mapear o campo teórico existente, identificar lacunas e sustentar criticamente a construção do objeto de estudo".

Para tanto, tomam-se como referência as etapas metodológicas propostas por Lakatos e Marconi (2003), que compreendem os momentos de identificação, localização, compilação e fichamento do material relevante à temática pesquisada. Gil (2008) complementa essa visão ao ressaltar a importância da leitura criteriosa das fontes e da produção de fichamentos como base para uma análise crítica. Nesse sentido, a revisão bibliográfica não se reduz à simples coleta de dados documentais, mas envolve uma apropriação reflexiva e interpretativa do conhecimento acumulado. Como destacam Lakatos e Marconi (2003), toda pesquisa exige o confronto entre as evidências encontradas e o referencial teórico sistematizado, o que torna a revisão bibliográfica não apenas uma etapa preliminar, mas uma parte constitutiva da produção científica.

A pesquisa foi conduzida na base de dados LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde –, por se tratar de um índice abrangente e relevante para a área da saúde. Foram utilizados os descritores padronizados disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), combinados com o operador *booleano AND*: adolescência *AND* autolesão.

O recorte temporal foi delimitado entre os anos de 2018 a 2023, considerando que a temática das autolesões na adolescência tem ganhado maior visibilidade nas últimas décadas, especialmente no campo das ciências humanas e da saúde. Esse recorte mais recente visa contemplar produções atualizadas e alinhadas às discussões contemporâneas sobre o tema, permitindo uma análise contextualizada com os debates atuais da literatura científica.

A coleta de dados ocorreu em outubro de 2023, onde foram identificados um total de 40 artigos na base de dados. Desses, após a análise dos títulos, resumos e a aplicação dos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

critérios de exclusão, foram eliminados 23 artigos, por não se enquadrarem no escopo da revisão bibliográfica; sendo selecionados 17 artigos, 7 deles publicados em português e 10 em inglês.

Em relação à fonte de pesquisa, os artigos selecionados foram determinados pelos critérios de inclusão: artigos completos publicados em periódicos, de livre acesso, no período de 2018 a 2023 (cinco anos), advindos de trabalhos de pesquisa de abordagem qualitativa, redigidos em idioma português e/ou inglês. Como critérios de exclusão, artigos incompletos, repetidos, duplicados ou não pertinentes ao escopo da pesquisa.

Posterior a análise dos títulos e resumos, procedeu-se à leitura completa dos artigos selecionados, na sequência, as informações coletadas foram submetidas a uma leitura analítica, orientando a fundamentação apresentada nos resultados e discussão.

Foram excluídos da revisão os artigos que apresentavam enfoque exclusivamente quantitativo; estudos que abordavam tentativas de suicídio sem estabelecer uma distinção conceitual entre autolesões e comportamento suicida; trabalhos duplicados ou cujo acesso integral ao conteúdo não estava disponível; além de produções que não apresentavam uma análise aprofundada da temática ou cujo foco principal não era os comportamentos autolesivos em adolescentes.

Nesse entendimento, foram estabelecidos como procedimentos metodológicos a identificação do tema de pesquisa; busca na literatura; avaliação, análise e síntese dos dados; apresentação e conclusões. A pesquisa foi orientada pela seguinte questão: De que forma a adolescência está associada à manifestação de comportamentos autolesivos, e quais os possíveis fatores que influenciam a prevalência desses comportamentos nesse período de vida? Dessa forma, a análise dos artigos selecionados foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, com base na leitura temática de cada estudo, permitindo a identificação de categorias que emergiram do material analisado e que fundamentam a discussão dessa pesquisa. Após a seleção inicial com base em títulos e resumos, os critérios de inclusão foram reavaliados durante a leitura integral dos artigos, a fim de garantir a pertinência ao escopo da revisão e a profundidade das análises oferecidas.

A partir da leitura analítica do *corpus*, cinco categorias temáticas foram construídas com base nos elementos recorrentes nos estudos. A primeira refere-se ao perfil dos adolescentes que se autolesionam, considerando aspectos como faixa etária, gênero, etnia, condição socioeconômica e contexto social. A segunda categoria trata dos fatores de risco

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

associados à autolesão, incluindo vivências de negligência, abuso, discriminação, transtornos mentais e dificuldades emocionais, situando o comportamento autolesivo como um possível sintoma social vinculado à vulnerabilidade desses sujeitos.

A terceira categoria diz respeito aos significados atribuídos e associados às práticas autolesivas. A quarta envolve a relação entre autolesões e histórico de diagnósticos psiquiátricos ou psicológicos. Por fim, a quinta categoria refere-se à importância das redes de apoio, evidenciando a necessidade de espaços de escuta e acolhimento que favoreçam intervenções mais sensíveis, integradas e alinhadas às demandas subjetivas dos adolescentes. Essas categorias orientaram a sistematização dos achados e a organização dos títulos da discussão, contribuindo para a construção da fundamentação teórica da revisão e possibilitando uma compreensão mais aprofundada e articulada das múltiplas dimensões envolvidas nas autolesões entre adolescentes.

Nesse processo de análise e categorização, reconhece-se que a produção do conhecimento exige o confronto entre os dados levantados e o referencial teórico acumulado (Gil, 2008). Por essa razão, além dos estudos identificados na base de dados, a pesquisa também dialoga com autores que oferecem contribuições relevantes para a compreensão do fenômeno investigado, ainda que não tenham sido localizados na busca sistemática. Essa estratégia, permitida e recomendada na revisão bibliográfica, possibilita ampliar a discussão e inserir os achados em um campo teórico mais abrangente, favorecendo uma análise mais consistente e aprofundada; tal escolha está em consonância com os propósitos da revisão bibliográfica, que envolve não apenas o levantamento, mas também a análise crítica de obras significativas ao tema estudado (Lakatos; Marconi, 2003).

CORTA(DORES): O PERFIL DE ADOLESCENTES QUE SE AUTOLESIONAM

A frequência e abrangência da autolesão entre adolescentes têm sido investigada em diversas pesquisas, com intuito de compreender a extensão e a frequência desse fenômeno na população adolescente. Nessa revisão bibliográfica, foram selecionados e analisados 17 artigos, todos disponíveis em língua portuguesa. Assim, pode-se visualizar o material revisado, com o quadro a seguir que apresenta os artigos selecionados organizados em ordem cronológica de publicação, contendo as seguintes informações: autor(as/es), ano de publicação e título do trabalho.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

Quadro 1 – Artigos incluídos na revisão bibliográfica

Nº	Autores e ano	Título
1	Agüero *et al*. (2018).	Comportamientos autolesivos en adolescentes: Estudio cualitativo sobre características, significados y contextos.
2	Fonseca *et al*. (2018).	Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes.
3	Jucá e Vorcaro (2018).	Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica.
4	Lopes e Teixeira (2019).	Automutilaciones en la adolescencia y sus narrativas en contexto escolar.
5	Fattah e Lima (2020).	Perfil epidemiológico das notificações de violência autoprovocada de 2010 a 2019 em um estado do sul do Brasil.
6	Felipe *et al*. (2020).	Autolesão não suicida em adolescentes: terapia comunitária integrativa como estratégia de partilha e de enfrentamento.
7	Magalhães *et al.* (2020).	Repercussões da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes.
8	Moraes *et al*. (2020).	"Caneta é a lâmina, minha pele o papel": fatores de risco da automutilação em adolescentes.
9	Costa *et al.* (2021a).	Profile of non-suicidal self-injury in adolescents: interface with impulsiveness and loneliness.
10	Costa *et al.* (2021b).	Non-suicidal self-injury experiences for adolescents who self-injured-contributions of winnicott's psychoanalytic theory.
11	Luis *et al*. (2021).	Lesão autoprovocada entre adolescentes: prevalência e fatores associados.
12	Pinheiro, Warmling e Coelho (2021).	Caracterização das tentativas de suicídio e automutilações por adolescentes e adultos notificadas em Santa Catarina, 2014-2018.
13	Aragão e Mascarenhas (2022).	Tendência temporal das notificações de lesão autoprovocada em adolescentes no ambiente escolar, Brasil, 2011-2018.
14	Santo e Dell'Aglio (2022).	Autolesão na adolescência sob a perspectiva bioecológica de desenvolvimento humano.
15	Santo, Bedin e Dell'Aglio (2022).	Self-injurious behavior and factors related to suicidal intent among adolescents: a documentary study.
16	Selbach e Marin (2022)	Self-harming adolescents: how do they perceive and explain this behavior?
17	Menezes e Faro (2023).	Avaliação da Relação entre Eventos Traumáticos Infantis e Comportamentos Autolesivos em Adolescentes.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A prevalência das autolesões pode variar de acordo com diversos fatores, incluindo a definição e os critérios utilizados para caracterizar o comportamento, a amostra, local e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

período do estudo. Nessa revisão, verificou-se uma faixa etária dos participantes entre 11 e 21 anos, com maior prevalência da autolesão com adolescentes entre 12 e 14 anos de idade (Agüero *et al*., 2018; Aragão; Mascarenhas, 2022; Costa *et al*., 2021a; Costa *et al*., 2021b; Fattah; Lima, 2020; Felipe *et al*., 2020; Fonseca *et al*., 2018; Luis *et al*., 2021; Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022; Selbach; Marin, 2022).

Em relação ao perfil dos adolescentes, Pinheiro, Warmling e Coelho (2021), Fattah e Lima (2020) e Aragão e Mascarenhas (2022) referem taxas mais elevadas de autolesões em pessoas autorreferidas brancas. Entretanto, outros estudos, como o de Liu *et al*. (2019) revelam uma associação entre pertencer a uma minoria racial e ter baixo status socioeconômico (como baixos níveis educacionais e situação financeira) (Costa *et al*., 2021a), com um maior risco de envolvimento em comportamentos autolesivos.

Em consonância, Al-Sharifi, Krynicki e Upthegrove (2015) identificaram disparidades marcantes nas taxas de autolesão entre grupos étnicos diversos, evidenciando uma maior propensão a essa prática entre meninas pretas. Essas discrepâncias nos estudos ressaltam a complexidade da autolesão como fenômeno multifacetado, influenciado por uma interseção de variáveis, como gênero, etnia, status socioeconômico, contexto social, composição da amostra e a região geográfica estudada.

Quanto ao gênero, os resultados apresentam uma notável consistência, evidenciando que os comportamentos autolesivos são mais recorrentes entre meninas adolescentes (Aragão; Mascarenhas, 2022; Costa *et al*., 2021b; Fattah; Lima, 2020; Fonseca *et al*., 2018; Lopes; Teixeira, 2019; Luis *et al*., 2021; Moraes *et al*., 2020; Pinheiro; Warmling; Coelho, 2021; Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022), na faixa etária de 12 a 14 anos. Corroborando esses dados, o Ministério da Saúde (Brasil, 2021), afirma que são meninas adolescentes a maioria significativa das notificações de lesões autoprovocadas no ano de 2019, totalizando 71,3% de todos os registros. No estado do Rio Grande do Sul, situado na região Sul do Brasil, a partir de 2016, houve um aumento nas notificações de autolesão entre meninas, chegando a ser 2,5 vezes maior do que entre meninos adolescentes, em 2019. Esse aumento foi particularmente marcado na faixa etária de 15 a 19 anos durante esse período (Fattah; Lima, 2020).

Não obstante, é importante ressaltar que, dos 17 artigos analisados, 1 artigo não mencionou o perfil específico dos adolescentes (Jucá; Vorcaro, 2018). Entre os 16 artigos que abordaram o perfil, apenas 1 artigo caracterizou identidade de gênero (Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022), enquanto 15 artigos utilizaram o termo "sexo", categorizando os sujeitos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

em "sexo feminino" e "sexo masculino", alinhados a uma lógica binária e excludente de gênero, mesmo se tratando de estudos recentes (Agüero *et al*., 2018; Aragão; Mascarenhas, 2022; Costa *et al*., 2021a; Costa *et al*., 2021b; Fattah; Lima, 2020; Felipe *et al*., 2020; Fonseca *et al*., 2018; Lopes; Teixeira, 2019; Luis *et al*., 2021; Magalhães *et al*., 2020; Menezes; Faro, 2023; Moraes *et al*., 2020; Pinheiro; Warmling; Coelho, 2021; Santo; Dell'Aglio, 2022; Selbach; Marin, 2022).

UM SINTOMA SOCIAL: FATORES DE RISCO E AUTOLESÕES

Os conflitos experimentados na adolescência, quando associados a uma estrutura social fragilizada, contribuem para o surgimento de comportamentos de risco nesse grupo (Fonseca *et al*., 2018). Fatores como, viver em ambientes inconsistentes, inseguros, negligentes e permeados por violências tem repercussões adversas no processo de desenvolvimento dos adolescentes, podendo resultar em traumas psicológicos, dificuldade em regular emoções e manejar conflitos de maneira eficaz, o que, por sua vez, pode levar a comportamentos de risco, incluindo a autolesão (Aragão; Mascarenhas, 2022; Felipe *et al*., 2020; Fonseca *et al*., 2018; Lopes; Teixeira, 2019; Menezes; Faro, 2023; Moraes *et al*., 2020; Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022; Santo; Dell'Aglio, 2022; Selbach; Marin, 2022).

A dificuldade em expressar sentimentos verbalmente e a falta de espaços acolhedores têm sido destacadas como fatores significativos relacionados ao surgimento de comportamentos autolesivos entre adolescentes. A ausência de ambientes seguros para a expressão emocional pode contribuir para a internalização de angústias e tensões, levando essas pessoas a recorrerem a métodos não verbais de autorregulação (Costa *et al*., 2021a; Lopes; Teixeira, 2019; Moraes *et al*., 2020).

Para Le Breton (2011), observa-se na fase da adolescência, uma tendência à ação em comparação à utilização de outras formas de expressão, como a verbalização de sentimentos. Os adolescentes tendem a transferir suas angústias para o corpo, em uma tentativa de identificá-las como parte de si mesmos. Essa propensão é frequentemente interpretada como uma resposta à descoberta das percepções corporais pelos adolescentes, nas quais o corpo se torna um estranho, não mais o corpo da infância.

A relação com o ambiente e os objetos adquire novas dimensões e intensidade durante a adolescência. É crucial reconhecer que, no que emerge, há a marca do que já existia; as

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

operações psíquicas relacionadas à constituição subjetiva são reativadas e intensificadas por uma nova potência: a manifestação da sexualidade e a maturação genital, a possibilidade de procriar (e criar) e a força física que antes não existia. Os comportamentos que levam os adolescentes às autolesões revelam impasses cruciais em seu processo de constituição, que ainda está em curso, e, frequentemente, refletem dificuldades presentes desde a infância na relação com as figuras parentais (Jucá; Vorcaro, 2018).

Por conseguinte, a correlação entre sofrimento psicológico e comportamentos de autolesões está intimamente ligada à violência no ambiente familiar. A violência na família acarreta consequências tanto a nível físico, relacionadas aos danos resultantes de agressões, quanto a nível psicológico, com a somatização de eventos violentos. Além disso, afeta a saúde mental, desencadeando sentimentos de profunda tristeza, culpa, violência autoprovocada e ideação suicida. Esses impactos se refletem adversamente nas relações interpessoais, no desempenho escolar e aumentam a suscetibilidade ao consumo de álcool entre adolescentes (Agüero *et al*., 2018; Aragão; Mascarenhas, 2022; Costa *et al*., 2021a; Costa *et al*., 2021b; Felipe *et al*., 2020; Jucá; Vorcaro, 2018; Magalhães *et al*., 2020; Menezes; Faro, 2023; Moraes *et al*., 2020; Pinheiro; Warmling; Coelho, 2021; Santo; Dell'Aglio, 2022; Selbach; Marin, 2022).

A violência no âmbito familiar, direcionada a crianças e adolescentes, constitui um problema complexo que se manifesta de diversas formas, é o resultado de uma interação de fatores sociais, psicológicos, econômicos e culturais, que impactam não apenas as famílias como um todo, mas afetam integralmente as pessoas envolvidas (Agüero *et al*., 2018). Assim como as relações familiares conflituosas e falta de apoio, ambientes familiares invalidantes, invasivos ou desencorajadores, morte de um dos pais, violência na família, falta de diálogo, pressão do ambiente familiar, conflitos, brigas e abuso emocional são, com frequência, relatados como preditores de autolesão (Agüero *et al*., 2018; Aragão; Mascarenhas, 2022; Costa *et al*., 2021a; Felipe *et al*., 2020; Jucá; Vorcaro, 2018; Menezes; Faro, 2023; Moraes *et al*., 2020; Pinheiro; Warmling; Coelho, 2021; Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022; Santo; Dell'Aglio, 2022; Selbach; Marin, 2022).

No entanto, pesquisas divergem em relação ao impacto da dinâmica familiar na ocorrência de comportamentos autolesivos entre adolescentes; Moraes *et al*., (2020) destacam a separação dos pais como um fator relevante associado à autolesão, indicando que essa situação pode influenciar negativamente a saúde mental de adolescentes, enquanto Costa *et al*.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

(2021b) observam que viver com ambos os pais foi uma característica predominante entre adolescentes que se autolesionavam. Essa divergência sugere a complexidade das influências familiares na manifestação desses comportamentos, indicando que diferentes dinâmicas podem ter efeitos variados nos adolescentes.

Diferentes abusos (físico, psicológico, sexual) enfrentados na infância e adolescência, especialmente o abuso sexual, são reconhecidos como os principais fatores de risco para o surgimento de psicopatologias e desafios no desenvolvimento de crianças e adolescentes de maneira geral. O trauma psicológico desencadeado por tais experiências resulta em diversas repercussões, como sentimentos de culpa, autorrepulsa e vergonha, os quais podem, por sua vez, desencadear comportamentos autolesivos (Aragão; Mascarenhas, 2022; Fattah; Lima, 2020; Felipe *et al*., 2020; Fonseca *et al*., 2018; Lopes; Teixeira, 2019; Menezes; Faro, 2023; Moraes *et al*., 2020; Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022; Santo; Dell'Aglio, 2022; Selbach; Marin, 2022).

Agüero *et al*. (2018), reforçam que os comportamentos de autolesões relatados por adolescentes ocorriam em meio a conflitos com o mundo adulto, originados por tensões no núcleo familiar e falta de atenção para suas questões. Os cortes na pele, feitos em solidão, eram mantidos em segredo da família e compartilhados com os colegas. Para os adolescentes, esses cortes assumiam um simbolismo representativo de seus sofrimentos, estabelecendo laços significativos de identificação, pertencimento e empatia entre eles.

Os adolescentes que se autolesionavam expressaram a carência de adultos confiáveis com quem pudessem compartilhar seus problemas, relatando a ausência de genuíno interesse, demonstrações afetivas insuficientes e reações familiares inadequadas ao tomarem conhecimento de suas situações (Agüero *et al.*, 2018; Felipe *et al*., 2020).

De acordo com Selbach e Marin (2022), em relação ao suporte familiar, de modo geral, adolescentes demonstraram uma percepção reduzida de autonomia, afetividade e adaptação, influenciando comportamentos de autolesão. Além disso, Moraes *et al*. (2020), ressaltam que o preconceito dentro da família, como a homofobia, pode estar associado à prática de autolesões.

A discriminação e homofobia, tanto no ambiente familiar quanto na sociedade em geral, tem grande influência no surgimento de comportamentos de risco (Felipe *et al*., 2020; Santo; Dell'Aglio, 2022; Selbach; Marin, 2022). A falta de aceitação da orientação sexual e identidade de gênero pelos pares e pela família, influência negativa de contextos religiosos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

(Moraes *et al*., 2020), emergiram como fatores de risco substanciais. Além disso, contextos sociais e culturais que perpetuam a desigualdade de gênero também se destacam como fatores que influenciam a prevalência das autolesões; em sociedades onde há desigualdade de gênero, meninas são mais propensas a comportamentos autodestrutivos (Luis *et al*., 2021).

Embora a ideação suicida e as autolesões sejam concebidas como fenômenos distintos, estudos clínicos e de base populacional sugerem que, frequentemente, adolescentes que se autolesionam apresentam ideação ou histórico de tentativa de suicídio (Guertin *et al*., 2001). No estudo de Santo e Dell'Aglio (2022), Fattah e Lima (2020), os registros analisados constatam a presença de intenção suicida nas notificações de autolesões com adolescentes. Em contrapartida, Fonseca *et al*. (2018) ressaltam que, na maioria dos casos, a autolesão entre adolescentes não está associada a uma intenção de suicídio.

O conceito de intencionalidade nas autolesões é problematizado por Ougrin e Yue (2016), pois apresenta um caráter subjetivo, tornando complexa a definição precisa da presença, ou não, de intenção suicida durante esses episódios. Para Le Breton (2017), as autolesões não representam uma intenção de autodestruição ou suicídio, mas tentativas de manter a vida; são meios para construir significados em seus próprios corpos, sacrificando uma parte de si a fim de continuar a existir.

Em relação ao uso da *internet*, apesar de seus benefícios para desenvolver relacionamentos de apoio e empatia, promovendo comportamentos positivos e busca por ajuda, há uma correlação preocupante entre a prevalência da autolesão e o acesso a conteúdos relacionados (Agüero *et al.*, 2018). A disponibilidade dessas páginas pode aumentar o risco de suicídio e autolesão em pessoas vulneráveis, fornecendo informações sobre técnicas e facilitando o aprendizado de novos métodos, normalizando a prática e encorajando a sua ocultação (Agüero *et al.*, 2018; Aragão; Mascarenhas, 2022; Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022).

Nos estudos conduzidos por Agüero *et al*. (2018), Aragão e Mascarenhas (2022) e Santo e Dell'Aglio (2022), foi observado que adolescentes utilizam as redes sociais e a *internet* como plataformas para compartilhar fotos e participar de grupos relacionados às autolesões, buscando apoio e orientação. Nesse ambiente, conseguiam reinterpretar esses comportamentos, expressar-se e sentirem-se reconhecidos e acolhidos. No entanto, alguns adolescentes viam de maneira crítica o uso das redes sociais para esse fim, considerando como uma forma de "chamar a atenção" ou seguir uma "moda".

Para Cervieri e Cadoná (2022), as mídias sociais têm se tornado um espaço

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

significativo para pessoas que se autolesionam, buscam informações sobre o tema ou desejam falar a respeito. Por meio dessas plataformas, são compartilhados diversos conteúdos relevantes, que podem beneficiar profissionais, familiares e as próprias pessoas em sofrimento.

Moraes *et al*. (2020), indicaram que a prática das autolesões com adolescentes está associada à influência de outras pessoas que também se autolesionam, tanto em interações presenciais quanto virtuais. Os relatos de experiências autolesivas disseminadas pelas mídias apresentam essa ação como uma resposta rápida às situações problemáticas enfrentadas. Como resultado, os usuários da *internet* se identificam com as declarações e emoções compartilhadas, acreditando nas possíveis "vantagens" desses comportamentos.

A influência das expectativas sociais irreais, a excessiva preocupação com a autoimagem e o julgamento social também são identificados como fatores relevantes no surgimento desses comportamentos (Felipe *et al*., 2020; Selbach; Marin, 2022). Jucá e Vorcaro (2018) destacam o vínculo marcante do discurso capitalista e do consumo na formação da busca incessante por uma imagem corporal idealizada, especialmente entre adolescentes. As autoras ressaltam o alcance e envolvimento da cultura do consumo e da imagem, que incita a internalização de padrões estéticos que são, na maioria das vezes, inatingíveis. Esses padrões são disseminados pela mídia e pela sociedade, levando as pessoas a se empenharem na busca por uma representação corporal ideal, perpetuando um ciclo de insatisfações e pressões sociais, aspectos que são apontados como preditores de comportamentos autolesivos na atualidade.

Mais especificamente sobre o contexto social atual, Armitage *et al*. (2023) examinaram, em uma análise comparativa, sintomas de transtornos emocionais, como nervosismo e medo, em adolescentes nascidos nos anos 1990 em relação aos nascidos nos anos 2000. Os resultados indicaram que a geração dos anos 2000 começou a apresentar problemas emocionais já aos 9 anos de idade, com persistência e intensidade mais prolongadas, atingindo um pico por volta dos 14 anos, principalmente entre as meninas. Vários fatores, como mudanças no estilo de vida, uso de tecnologia, pressões estéticas, vida familiar, acadêmica e relacionamentos foram apontados como possíveis influências nesse aumento de problemas emocionais, que são apontados, também, como preditores de comportamentos autolesivos.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

RELAÇÕES DE PELE: AUTOLESÕES E SENSAÇÕES ASSOCIADAS

Em relação às funções e sentimentos associados, a autolesão se mostrou uma estratégia para regular emoções e propiciar alívio emocional, especialmente a ansiedade. Baixa autoestima e autoimagem negativa foram identificadas como características frequentes, presentes entre os adolescentes, influenciando esses comportamentos (Agüero *et al*., 2018; Costa *et al*., 2021b; Felipe *et al*., 2020; Lopes; Teixeira, 2019; Magalhães *et al*., 2020; Moraes *et al*., 2020; Santo; Dell'Aglio, 2022).

Agüero *et al.* (2018), reforçam que os cortes foram uma manifestação de angústia e sofrimento emocional, servindo como uma forma de expressar sensações intensamente negativas; o estado emocional prévio às autolesões mostrou-se avassalador, superando as habilidades de enfrentamento de adolescentes. Além disso, estabeleceu-se uma relação direta entre a autolesão, impulsividade e solidão, revelando que níveis mais elevados de solidão estavam correlacionados a uma maior probabilidade de comportamentos autolesivos (Aragão; Mascarenhas, 2022; Costa *et al*., 2021a; Felipe *et al*., 2020; Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022).

Outras sensações e sentimentos relacionados às autolesões, incluem preocupação excessiva, retraimento, insegurança, alívio, angústia, culpa, tristeza e raiva. Esse comportamento foi percebido como uma forma de escape, uma maneira de lidar com o sofrimento psicológico insuportável, substituindo a dor emocional pela dor física. As razões comuns por trás da violência autoprovocada englobam, regulação emocional, aliviar sensações de vazio ou indiferença e interromper sentimentos ou sensações desagradáveis. Esses sintomas geralmente se manifestam por meio de indicadores de ansiedade, depressão, queixas psicossomáticas e isolamento social (Agüero *et al*., 2018; Costa *et al*., 2021a; Felipe *et al*., 2020; Fonseca *et al*., 2018; Pinheiro; Warmling; Coelho, 2021; Selbach; Marin, 2022).

O desenvolvimento cognitivo desempenha um papel fundamental na determinação da participação dos adolescentes em comportamentos que podem ser benéficos ou prejudiciais à sua saúde (Figueiredo *et al.*, 2018). É comum que adolescentes interpretem eventos atuais ou passados como extremamente dolorosos e experimentem emoções de forma intensificada (Aragão; Mascarenhas, 2022; Costa *et al*., 2021b; Felipe *et al*., 2020; Lopes; Teixeira, 2019; Moraes *et al*., 2020).

Para Le Breton (2007), o momento de ataque ao próprio corpo é precedido por um sentimento de perda de identidade, uma sensação de esvaziamento que resulta em um intenso

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

sofrimento, capaz de romper as fronteiras do eu. Essa experiência está associada ao sentimento vertiginoso que caracteriza comportamentos de risco, uma sensação de queda para dentro de si mesmo que sugere uma perda de controle. A pessoa não se fere aleatoriamente ou sem propósito, há uma lógica subjacente ao ato, uma coerência, uma busca por acalmar-se e não por autodestruir-se.

No que se refere aos principais fatores de risco associados aos comportamentos autolesivos, os estudos apontam: adversidades familiares; influência social; eventos adversos na vida; características individuais; conflitos; falta de suporte; consumo de substâncias psicoativas na família; conhecimento de alguém que pratica autolesão; interações em redes sociais sobre o tema; histórico de violência sexual/física/psicológica e experiências de *bullying* e *cyberbullying* (Costa *et al*., 2021a; Menezes; Faro, 2023; Moraes *et al*., 2020; Santo; Bedin; Dell'Aglio, 2022; Santo; Dell'Aglio, 2022).

AUTOLESÕES E HISTÓRICO DE DIAGNÓSTICOS

As pesquisas de Pinheiro, Warmling e Coelho (2021) e Santo, Bedin e Dell'Aglio (2022) destacam o uso de álcool, drogas e comportamentos sexuais de risco como fatores preditivos significativos relacionados à prática de autolesão. A associação desses comportamentos ressalta a complexidade das influências ambientais e psicológicas que contribuem para a ocorrência de padrões autodestrutivos.

Outra tendência observada entre os estudos é a relação entre a prática e o histórico de diagnósticos ao longo da vida. O estudo de Luis *et al*. (2021), aprofundou essa relação ao analisar os fatores associados à prevalência de comportamentos autolesivos, evidenciando que tais condutas eram mais frequentes entre adolescentes que possuíam algum tipo de deficiência ou transtorno em comparação àqueles sem tais condições; adolescentes diagnosticados com transtorno bipolar, transtornos alimentares, depressão melancólica ou ansiedade apresentaram uma maior prevalência desses comportamentos.

O estudo conduzido por Fattah e Lima (2020), revelou que aproximadamente 35,3% dos casos analisados envolviam pessoas com deficiências, abrangendo aspectos físicos, intelectuais, visuais ou auditivos, bem como transtornos mentais ou de comportamento. Diagnósticos de depressão, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno Opositivo Desafiador (ODD) demonstraram associação frequente com as

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

autolesões.

Em contrapartida, a pesquisa de Costa *et al*. (2021a), que adotou os critérios diagnósticos do DSM-5 para avaliação de possíveis transtornos, constatou taxas de prevalência variando de 4 a 7% em amostras comunitárias de adolescentes que se autolesionam. Em um enfoque adicional, Santo, Bedin e Dell'Aglio (2022) investigaram antecedentes familiares de doenças mentais relacionados à essa prática, mães e pais foram os membros mais mencionados com tais antecedentes. Transtornos de dependência química e transtornos de humor em cuidadores foram as psicopatologias mais associadas às violências autoprovocadas.

REDES DE SUPORTE ESSENCIAIS: FORMAS DE APOIO

A forma como as relações interpessoais são estruturadas (seja entre colegas, parceiros românticos, pais/mães ou responsáveis) desempenha um papel significativo na probabilidade de um adolescente recorrer à comportamentos autodestrutivos (Costa *et al.,* 2021a). As experiências desse grupo em relação a essas condutas ressaltaram a importância de um ambiente que ofereça suporte e seja capaz de incorporar as características do processo de adolescer.

Considerando que as interações entre as pessoas têm um impacto crucial na qualidade do ambiente e na experiência de saúde, adolescentes que possuem maior apoio parental tendem a reduzir os efeitos negativos da relação entre *bullying*, autolesões e ideação suicida (Costa *et al.,* 2021b; Felipe *et al.,* 2020); evidenciando a necessidade e relevância da presença de uma rede de apoio composta por familiares e amigos, bem como o envolvimento da família, escola e profissionais de saúde na abordagem e prevenção desses comportamentos.

No que diz respeito ao contexto escolar, Aragão e Mascarenhas (2022), Felipe *et al*. (2020), Menezes e Faro (2023), Selbach e Marin (2022), convergem ao ressaltar a relevância desse ambiente como um fator determinante na saúde mental de adolescentes, enfatizando a sua influência na manifestação de questões como *bullying*, competições, pressões acadêmicas, dificuldades nos relacionamentos interpessoais e carência de apoio emocional.

Felipe *et al*. (2020), evidenciam que a manifestação de comportamentos autodestrutivos é frequentemente resultado das relações interpessoais marcadas pela violência no ambiente escolar, bem como da ausência de empatia e comunicação entre os estudantes e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

professores. Aragão e Mascarenhas (2022), destacam a relevância de abordar o ambiente escolar como um potencial cenário para a manifestação desses comportamentos; a escola desempenha um papel fundamental na interação social, discussão do tema e implementação de medidas preventivas.

Considerando que esses comportamentos não acontecem de forma isolada, mas frequentemente atravessada por contextos de violências, as instituições de ensino constituem-se como um potente espaço na contribuição de trabalhos de intervenções precoces, que possam desenvolver estratégias de prevenção e possibilitar o desenvolvimento de uma maior qualidade de vida aos adolescentes, através de estratégias mais eficazes de enfrentamento. Simões e Ribeiro (2014) apontam que, embora a base para uma cultura antiviolência encontre-se na educação informal, presente no ambiente familiar e nas relações sociais, as escolas têm um potencial transformador na sociedade, assim, abordar direitos humanos nesse contexto pode gerar impactos sociais significativos e importantes na prevenção de violências e discriminações.

Os resultados da revisão bibliográfica indicam que comportamentos de autolesões são influenciados por uma interseção complexa de fatores. A adolescência, caracterizada por mudanças intensas no desenvolvimento psicológico e social, é marcada pela dificuldade em expressar emoções, pela busca de identidade e pelo confronto com novas dinâmicas familiares e culturais.

A pesquisa demonstra que as autolesões podem ser influenciadas por fatores socioeconômicos, sociais, ambientais e psicológicos. A falta de espaços acolhedores para expressão emocional, associada a ambientes familiares inconsistentes ou invasivos, bem como a experiência de viver em um contexto social fragilizado, permeado por violências estruturais e pressões sociais, desempenham um papel significativo no surgimento de comportamentos de risco entre adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica atendeu ao objetivo proposto e indicou a relação direta entre autolesões, adolescência e os fatores que podem influenciar o surgimento desses comportamentos, identificando algumas especificidades envolvendo essa relação, incluindo a presença de transtornos mentais, histórico de violências, conflitos sociais, interpessoais e,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

especialmente, familiares, situações de vulnerabilidade, contextos geradores de sofrimento e discriminações, bem como a influência considerável de pares e o acesso a informações em redes sociais, como alguns dos aspectos que podem contribuir para a ocorrência desses comportamentos entre adolescentes.

Além disso, isolamento social, *bullying* e *cyberbullying*, identificar-se como "sexo feminino", não conformidade com a cisheteronormatividade, características pessoais, histórico de tentativas de suicídio e consumo de substâncias psicoativas entre familiares também aparecem como fatores de risco. Os estudos sugerem que as autolesões entre adolescentes, muitas vezes, apresentam-se como uma via de expressão do sofrimento psíquico no próprio corpo, influenciada por uma série de fatores que interagem de formas diferentes entre as pessoas e o ambiente onde estão inseridas.

A identificação de diversos fatores de risco revelou a complexidade e a inter-relação de múltiplos elementos no envolvimento com essas condutas. Isso realça a necessidade de pesquisas que analisem essas características de forma mais abrangente e discutam fatores de proteção, medidas de prevenção e de intervenção. Nesse contexto, torna-se imprescindível o estabelecimento de conexões multidisciplinares entre instituições de ensino, família e profissionais de saúde, visando o resgate de sentimentos positivos na vida de adolescentes e a promoção de funcionamentos e ambientes mais saudáveis.

Como limitações do estudo, destacamos a heterogeneidade dos métodos de pesquisa empregados, o que pode dificultar a comparação e a síntese dos resultados para populações mais amplas. As diferenças nas amostras, critérios de diagnóstico e abordagens de pesquisa podem afetar a consistência dos resultados, considerando que a prevalência e os fatores associados às autolesões podem variar significativamente entre diferentes regiões geográficas.

Ademais, a revisão ressalta a limitação de muitos estudos em apresentar o perfil da amostra, um exemplo é a caracterização dos participantes em "sexo feminino" ou "sexo masculino", o que não reflete a diversidade de identidades de gênero. Isso pode levar a generalizações inadequadas e falta de representação de pessoas que não se encaixam nessa estrutura binária, além de comprometer a descrição do perfil dos adolescentes, desconsiderando aspectos que podem torná-los mais vulneráveis.

Nesse sentido, embora a maioria das pesquisas destaquem a prevalência de comportamentos autolesivos entre pessoas do "sexo feminino", é importante observar que não se pode presumir que esses sujeitos sejam exclusivamente meninas cisgênero. Isso ressalta a

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

necessidade de estudos com uma abordagem não excludente, que considere as diversas identidades nas pesquisas sociais e em outras dimensões da vida civil, para uma análise mais precisa e inclusiva.

Enfatizamos, ainda, a importância da divulgação do conhecimento existente sobre o assunto e a ampliação da compreensão em áreas ainda subexploradas; para isso, faz-se necessário uma abordagem holística que considere dimensões biopsicossociais e culturais desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

AGÜERO, Gonzalo; MEDINA, Viviana; OBRADOVICH, Gabriel; BERNER, Enrique. Comportamientos autolesivos en adolescentes: Estudio cualitativo sobre características, significados y contextos. **Archivos argentinos de pediatría**, v. 116, n. 6, p. 394-401, 2018.

AL-SHARIFI, Ali; KRYNICKI, Carl; UPTHEGROVE, Rachel. Self-harm and ethnicity: A systematic review. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 61, n. 6, p. 600-612, 2015.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A "revisão bibliográfica" em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. *In*: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A.M.N. **A bússola do escrever**. Florianópolis/São Paulo: Ed. UFSC/Cortez, 2002.

ARAGÃO, Conceição de Maria Castro de; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros Tendência temporal das notificações de lesão autoprovocada em adolescentes no ambiente escolar, Brasil, 2011-2018. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, p. e2021820, 2022.

ARMITAGE, Jessica; KWONG, Alex; TSELIOU, Foteini; SELLERS, Ruth; BLAKEY, Rachel; ANTHONY, Rebecca. Cross-cohort change in parent-reported emotional problem trajectories across childhood and adolescence in the UK. **The Lancet Psychiatry**, v. 10, n. 7, p. 509-517, 2023.

AZEVEDO, Alda Elizabeth Boehler Iglesias; EISENSTEIN, Evelyn; BERMUDEZ, Beatriz Elizabeth Bagatin Veleda; FERNANDES, Elizabeth Cordeiro; OLIVEIRA, Halley Ferraro; GOLDBERG, Tamara Beres Lederer. **Autolesão na adolescência:** como avaliar e tratar: Departamento Científico de Adolescência, 2019.

BATEJAN, Kristen.; JARVI, Stephanie.; SWENSON, Lance. Sexual orientation and non-suicidal self-injury: A meta-analytic review. **Archives of Suicide Research**, v. 19, n. 2, p. 131-150, 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Volume 52, N. 33, Set. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf. Acesso em: 3 out. 2023.

CERVIERI, Dilce; CADONÁ, Eliane. Tecnologias e produção de sentidos: adolescência,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

autolesão/automutilação e educação. **Revista de Ciências Humanas**, v. 23, n. 3, p. 153-176, 2022. DOI: https://doi.org/10.31512/19819250.2022.23.03.153-176.

COSTA, Renata Pires; PEIXOTO, Anna Lara Rocha; LUCAS, Cirllainy Clécia Alves; FALCÃO, Débora Nicácio; FARIAS, Jennifer Thayse; VIANA, Luiz Felipe; PEREIRA, Manuela Andrade de Alencar; SANDES, Maria Letícia Barboza; LOPES, Thomas Bernardes; MOUSINHO, Kristiana Cerqueira; TRINDADE-FILHO, Euclides Maurício. Profile of non-suicidal self-injury in adolescents: interface with impulsiveness and loneliness. **Jornal de pediatria**, v. 97, p. 184-190, 2021a.

COSTA, Luiza Cesar Riani; GABRIEL, Isabela Martins; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; HORTENSE, Priscilla;DICASTILLO, Olga; CARLOS, Diene Monique. NON-SUICIDAL SELF-INJURY EXPERIENCES FOR ADOLESCENTS WHO SELF-INJURED-CONTRIBUTIONS OF WINNICOTT'S PSYCHOANALYTIC THEORY. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 30, p. e20190382, 2021b.

FATTAH, Nathalia; LIMA, Milenne Souza de. Perfil epidemiológico das notificações de violência autoprovocada de 2010 a 2019 em um estado do sul do Brasil. SMAD, **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em Português), v. 16, n. 4, p. 65-74, 2020.

FELIPE, Adriana Olimpia Barbosa; RESCK, Zélia Marilda Rodrigues; BRESSAN, Vânia Regina; VILELA, Sueli de Carvalho; FAVA, Silvana Maria Coelho Leite; MOREIRA, Denis da Silva. Autolesão não suicida em adolescentes: terapia comunitária integrativa como estratégia de partilha e de enfrentamento. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 16, n. 4, p. 75-84, 2020.

FIGUEIREDO, Anabela; VILA MAIOR, Mariana; SOUSA, Sandra; RIBEIRO, Esperança; CORDEIRO, Leandra. Comportamentos de risco em adolescentes: estudo exploratório centrado nas diferenças entre rapazes e raparigas. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 9, n. 2, p. 93-102, 2018.

FONSECA, Paulo Henrique Nogueira da; SILVA, Aline Conceição; ARAÚJO, Leandro Martins Costa de; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 70, n. 3, p. 246-258, 2018.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil.** 2022. Disponível em: https://fadc.org.br/sites/default/files/2022-03/cenario-da-infancia-e-adolescencia-no-brasil-2022_0.pdf. Acesso em: 2 out. 2023.

GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica: uma discussão necessária. **Revista Línguas e Letras: Cascavel**, v. 17, n. 35, p. 291-294, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

GRATZ, Kim. Measurement of deliberate self-harm: Preliminary data on the Deliberate Self-Harm Inventory. **Journal of psychopathology and behavioral assessment**, v. 23, p. 253-263, 2001.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

GUERREIRO, Diogo Frasquilho. **Comportamentos Autolesivos Em Adolescentes características epidemiológicas e análise De Fatores psicopatológicos, Temperamento Efetivo e estratégias De Coping**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

GUERTIN, Tracey; LLOYD-RICHARDSON, Elizabeth; SPIRITO, Anthony; DONALDSON, Deidre; BOERGERS, Julie. Self-mutilative behavior in adolescents who attempt suicide by overdose. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 40, n. 9, p. 1062-1069, 2001.

SIMÕES, Helena Cristina Guimarães Queiroz; RIBEIRO, André Elias Morelli. **Educação em direitos humanos: um caminho para superação da violência social.** PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 7, n. 1, p. 27–38, 2014.

JUCÁ, Vládia dos Santos; VORCARO, Angela Maria Resende. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicologia USP**, v. 29, p. 246-252, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LE BRETON, David. Anthropologie des conduites à risque et scarifications à l'adolescence. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 59, n. 2, p. 120-131, 2007.

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 45, n. 4, p. 185-188, 2011.

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência** (AMC Guerra et al., trads.). Belo Horizonte, MG: PUC Minas. (Trabalho original publicado em 2013), 2017.

LESOURD, Serge. **A construção adolescente no laço social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LIU, Richard; SHEEHAN, Ana; WALSH, Rachel; SANZARI, Christina; CHEEK, Shayna; HERNÁNDEZ, Evelyn. Prevalence and correlates of non-suicidal self-injury among lesbian, gay, bisexual, and transgender individuals: A systematic review and meta-analysis. **Clinical psychology review**, v. 74, p. 101783, 2019.

LUIS, Mayara Alves; MONROY, Nataly Adriana Jiménez; GODOI, Luciana Graziela de; LEITE, Franciéle Marabotti Costa. Lesão autoprovocada entre adolescentes: prevalência e fatores associados, Espírito Santo, Brasil. **Aquichan**, v. 21, n. 3, 2021.

LOPES, Lorena da Silva; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Automutilaciones en la adolescencia y sus narrativas en contexto escolar. **Estilos da Clínica**, v. 24, n. 2, p. 291-303, 2019.

MAGALHÃES, Júlia Renata Fernandes de; GOMES, Nadirlene Pereira; MOTA, Rosana Santos; SANTOS, Raiane Moreira dos; PEREIRA, Álvaro; OLIVEIRA, Jeane Freitas de. Repercussões da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. **Revista Brasileira de**

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

Enfermagem, v. 73, n. 1, e20180228, 2020.

MENEZES, Mariana Siqueira; FARO, André. Avaliação da relação entre eventos traumáticos infantis e comportamentos autolesivos em adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, e247126, 2023.

MORAES, Danielle Xavier; MOREIRA, Érika de Sene; SOUSA, Johnatan Martins; VALE, Raquel Rosa Mendonça do; PINHO, Eurides Santos; DIAS, Paula Cândida da Silva; CAIXETA, Camila Cardoso. "Caneta é a lâmina, minha pele o papel": fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, e20200578, 2020.

MOREIRA, Érika de Sene; VALE, Raquel Rosa Mendonça do; CAIXETA, Camila Cardoso; TEIXEIRA, Ricardo Antonio Gonçalves. Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3945-3954, 2020.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **Necesidades de salud de los adolescentes**. Ginebra: OMS, 1977.

OUGRIN, Dennis; YUE, Sum Yu Pansy. **Self-harm in young people.** Charleston: Concept Press Limited, 2016.

PINHEIRO, Thayse de Paula; WARMLING, Deise; COELHO, Elza Berger Salema. Caracterização das tentativas de suicídio e automutilações por adolescentes e adultos notificadas em Santa Catarina, 2014-2018. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, p. e2021337, 2021.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional,** Curitiba, v. 9, n. 26, p. 162-179, jan./abr, 2009.

PRIOTTO, Elis Palma. NIHEI, Oscar Kenji. **Perfil do adolescente e jovem na tríplice fronteira:** Brasil, Argentina e Paraguai. Curitiba: Editora CRV, 2016.

SANTO, Manuela Almeida da Silva; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Autolesão na adolescência sob a perspectiva bioecológica de desenvolvimento humano. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 24, n. 1, p. 1-24, 2022.

SANTO, Manuela Almeida da Silva; BEDIN, Lívia Maria; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Self-injurious behavior and factors related to suicidal intent among adolescents: a documentary study. **Psico-USF**, v. 27, p. 357-368, 2022.

SELBACH, Luiza; MARIN, Angela Helena. Self-harming adolescents: how do they perceive and explain this behavior?. **Psico-USF**, v. 26, p. 719-732, 2022.

TARDIVO, Leila Salomão de la Plata Cury; FERREIRA, Loraine Seixas; ALHANAT, Malka; CHAVES, Gislaine; ROSA, Helena Rinaldi; PINTO, Antonio Augusto; BELIZARIO,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025

Gabriel Okawa. Self-injurious behavior in preadolescents and adolescents: self-image and depression. **Paripex-Indian Journal of Research**, v. 8, n. 6, p. 75-79, 2019.

SOBRE AS AUTORAS

Michelle Luiza de Rosso
Mestra em Ensino pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Especialista em Psicanálise e Análise do Contemporâneo (PUC-RS). Psicóloga e pedagoga, é professora efetiva na rede municipal de Foz do Iguaçu (PR) e atua como psicóloga clínica. Integrante do grupo de pesquisa GEPENSE/Unioeste.
E-mail: michellederosso@outlook.com

Elis Maria Teixeira Palma Priotto
Doutora em Ciências (USP-RP), Mestra em Educação e Especialista em Adolescência (PUC-PR). Professora associada na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Foz do Iguaçu (PR). Líder do grupo de pesquisa GEPENSE/Unioeste.
E-mail: elispriotto@gmail.com

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 26, n. 3, p. 399-422, set./dez. 2025.
Recebido em: 07/02/2025 | Aceito em: 11/08/2025